

EM ÁREAS DEMARCADAS

Índios denunciam invasões

Os garimpeiros estão deixando os ianomamis em paz, mas ameaçam agora a sobrevivência de outras tribos

Rodrigo Arco e Flexa

O conflito mais grave em torno das terras indígenas no Brasil ocorre atualmente no Estado de Roraima. As mineradoras e os 60 mil garimpeiros que invadiram a região, ocupando inicialmente a área dos índios ianomamis — e que como consequência já provocaram até o momento mais de 1.500 mortes em seu povo, entre assassinatos, transmissão de doenças e poluição de rios com mercúrio — agora estão se transferindo para o norte e nordeste do Estado, onde vivem as tribos macuxi, wapixana, ingarikó e taurepang. Com isto, também estes povos estão sendo expostos à situação dramática de risco de dizimação pelas consequências letais da exploração irresponsável das reservas de minério de Roraima.

“Os grandes responsáveis por esta situação são o descaso do governo federal, as autoridades e políticos locais, os fazendeiros e o ex-presidente da Funai e governador indicado para o então Território de Roraima em 1988, Romero Jucá” — que hoje disputa o segundo turno para governador do Estado pelo PDS, contra Otomar Pinto, do PTB. Quem faz essa denúncia são os representantes da Associação dos Povos Indígenas de Roraima (Apir), Gilberto macuxis e Valdir Mateus, que se encontram agora em São Paulo para o lançamento e debate, nesta quinta-feira, do vídeo e exposição de fotos *P'Tamuná — O Filho da Terra*, (de Paulo Baroukun), que registram o 1º Encontro dos Povos Indígenas de Roraima, ocorrido na aldeia dos macuxis, em março deste ano.

Violência

Segundo Gilberto “o governo brasileiro até agora nada fez para que os garimpeiros saíssem da região, a não ser explodir pistas de pouso de avião na terra ianomami, o que levou os garimpeiros a invadirem outros territórios indígenas”. Já Romero Jucá, quando indicado governador em 88, prometeu riqueza e prosperidade para o povo através da exploração do minério. Isso, afirma Gilberto, “é uma grande mentira, pois só trouxe o aumento da miséria, da violência e a poluição de nossos rios”.

“O índio não agüenta mais ver seus irmãos sendo mortos impunemente. Nos últimos dois meses outros dois macuxis foram assassinados, e nós entendemos que, se dentro de 60 dias os garimpeiros não forem expulsos e as terras finalmente demarcadas, vamos ter que partir para a luta e fechar a Funai de Roraima”, adverte Gilberto.

Consciência

Gilberto Macuxis foi um dos idealizadores da Apir há quatro anos. Em 1987, Gilberto (Vai-Cré, na língua macuxis) foi escolhido para ocupar a vice-presidência da Associação por uma assembléia de chefes índios da região. Já Valdir Mateus, da tribo wapixana, é filho de pai índio e mãe branca. Aos sete anos de idade ele saiu da aldeia, estudou na capital e se formou em Economia na PUC-SP. Mas, após trabalhar algum tempo em sua profissão,

decidiu-se por retornar ao seu povo e sua luta.

O que mais chama a atenção na conversa com os dois índios é a profunda consciência que possuem sobre os seus direitos e a necessidade de auto-organização. E foi através desse pensamento que a Apir foi criada, como a primei-

ra associação indígena completamente independente de órgãos oficiais ou da Igreja. “Se o governo mente para nós, a Igreja, por sua vez, apenas se interessa por catequizar o índio, impondo um deus que não é nosso e destruindo a nossa cultura”, acusa Gilberto.

E a Apir tem como meta principal constituir um movimento que retire os índios de Roraima (cerca de 40 mil) de seu isolamento, conquistando apoios na sociedade civil brasileira e no Exterior, para com isto viabilizar a demarcação de suas terras e o resgate de sua cultura, sempre oprimida.



Valdir Mateus, Gilberto Macuxi e seu filho Macuxalma, em São Paulo

EXPOSIÇÃO DE VÍDEO E FOTOS NO TUCA

Antes da realização do 1º Encontro dos Povos Indígenas de Roraima, a Apir entendeu a importância de um evento como esse ser divulgado o máximo possível. Desta forma originou-se a exposição de Vídeo e Fotografia *P'Tamuná — O Filho da Terra*, com direção de Paulo Baroukh e produção da VTV-Vídeo. O lançamento deste trabalho ocorrerá nesta quinta-feira, às 20h, no pequeno auditório do Tuca (R. Monte Alegre, 1.024) — numa promoção conjunta da Apir, VTV, Tuca e Núcleo Atlântico de Vídeo da PUC-SP. A exposição é gratuita e aberta ao público em geral, e após o lançamento permanecerá no saguão do Tuca, sem data prevista para encerramento.